

A Capital N.º 3863 de 30/10/1979 - Suca Fera

FOME GENERALIZADA EM TIMOR LESTE

MORTOS CONTAM-SE AOS MILHARES



Os mercados tradicionais são praticamente inexistentes

DILI, 30 (R.) — Uma operação maciça de emergência para salvar as vidas de centenas de milhares de camponeses esfomeados está a ser lançada, a partir de Dili, capital da antiga colónia portuguesa do Timor Oriental.

A fome é atribuída principalmente à guerra civil de 1975-76 quando a produção agrícola ficou quase arruinada devido a dezenas de milhares de timorenses da parte oriental da ilha terem fugido para as montanhas.

Hoje, no que se tornou a província de Loro Sae, a 27.ª da Indonésia, em Julho de 1976, a seguir à sua ocupação por forças de Jacarta, Frank Carlin, director dos serviços católicos de auxílio (S.C.A.) para a Indonésia, afirma: «Estou empenhado neste género de trabalho, há 14 anos, mas o Timor-Leste é o pior que já vi».

Um representante veterano da Comissão Internacional da Cruz Vermelha (C.I.C.V.) salienta que a situação é pior do que no Biafra, assolada pela fome durante a Guerra Civil na Nigéria, há uma década, e potencialmente mais perigosa do que em Cam-puchea, também arruinada pela guerra.

A Cruz Vermelha Indonésia (C.V.I.) e a C.I.C.V. estão a trazer para a ilha centenas de toneladas de víveres e medicamentos, sendo o transporte marítimo fornecido pelas forças armadas de Jacarta. As S.C.A. importam ainda géneros alimentícios e medicamentos básicos, embora a assistência médica es-

teja a cargo de médicos, enfermeiros e voluntários da C.V.I. e da C.I.C.V.

Dez distritos abrangidos

A área de desastre abrange dez dos treze distritos administrativos do território fora das principais cidades da província, que tem uma população total calculada em 600 mil habitantes.

A Cruz Vermelha está já a fornecer alimentos a cerca de 300 mil pessoas, metade da população do Timor Leste. A operação inclui também 60 mil habitantes nas regiões isoladas mais remotas.

A Cruz Vermelha calcula que cerca de um terço das pessoas que está a socorrer precisam de cuidados médicos urgentes, embora muitas delas já não possam ser ajudadas, nota.

Três helicópteros estão a levar abastecimentos para o interior para zonas selvagens e acidentadas. Os voos apenas são possíveis até cerca do meio-dia. De-

pois nevoeiro denso e nuvens envolvem as aldeias e vilas de refugiados, isolados no alto de montanhas, que são inacessíveis por estrada.

Em Dili, pequenos aviões são carregados por voluntários dos S.C.A. e largam víveres ao longo da costa forte. Das praias, os víveres são levados por camiões e jipes o mais possível para o interior da ilha.

Essas vias não podem ser carregadas até ao máximo da sua capacidade devido aos caminhos tortuosos na selva, através das montanhas. Os comboios de camiões e jipes devem levar também combustível para a viagem de regresso, pois não há postos de abastecimento de gasolina no interior.

Hostilidades em pequena escala

A situação agravou-se ainda mais com o facto das hostilidades continuarem em pequena escala, até há cerca de um ano, e só apenas há pouco tempo começaram camponeses esfomeados a descer, em grande número, das montanhas.

Existe também o problema crónico da ilha ser um território extremamente pobre, com secas e perdas de colheitas frequentes.

Em consequência do caos administrativo causado pela guerra

civil não existem estações de saúde e muitas pessoas morreram, até agora, mas a contagem, incluindo mortos em combate, poderia andar na casa das dezenas de milhares. Não se conhece também a situação de milhares de pessoas que se acham ainda nas montanhas.

Observadores neutrais residentes asseveram que nada existe absolutamente que apoie afirmações publicadas no estrangeiro de que metade da população da ilha foi exterminada por um acto premeditado de genocídio cometido pelo Exército Indonésio.

Os habitantes das áreas afectadas sofrem as consequências da má nutrição prolongada e das doenças. Um médico da C.I.C.V., trabalhando numa equipa médica Indonésia numa aldeia montanhosa, cerca de 90 quilómetros a sudoeste de Dili, disse que um inquérito feito em Julho último e outros estudos preliminares indicam que cerca de 80 por cento dos camponeses das montanhas sofrem de malária.

Diversas doenças de pele e casos de tuberculose aparecem constantemente. Muitos doentes, especialmente nas zonas orientais da província, chegaram a tal estado que entraram numa apatia total, que vai muito além da fase de fome permanente, assinalável por barrigas protuberantes e braços que oscilam como «paus de fósforo».

Corrida contra a morte

A operação de socorro é uma corrida contra a morte e o tempo. Carlin, dos S.C.A., notou que a sua agência pretendia distribuir 8200 toneladas de víveres e outros abastecimentos, antes do começo da estação das chuvas, no fim de Novembro, tornar impossível tal objectivo.

Tanto os S.C.A. como a Cruz Vermelha estão a distribuir sementes de milho, de forma que os camponeses esfomeados, que

já comeram, há muito, as suas maçarocas e não fizeram este ano a sementeira, possam produzir mais cereal, após as chuvas cessarem, em Abril próximo.

O representante da C.I.C.V., David Delapraz, declarou esperar que, decorridos seis meses de distribuição de sementes, os camponeses poderiam ser tão auto-suficientes como eram antes. «Esperamos, porém, que não comam as sementes.»

A culminar tudo isto, existe ainda outro problema — o porto de Dili apenas poder receber dois cargueiros de tamanho médio de cada vez e descarregar um máximo de 200 toneladas por dia.

O isolamento da província é sublinhado pela opinião geral em Dili de que muitos timorenses, que fugiram para lugar seguro nas montanhas, onde morrem de fome, poderão não saber ainda que a guerra civil acabou e que os alimentos que lhes são necessários para sobreviver os aguardam na selva em baixo.